

O DESLOCAMENTO COMO PROCESSO ARTÍSTICO: RIO GRANDE DO SUL EM 5 MINUTOS

MAÍRA PEREIRA MAKIYAMA¹; EDUARDA GONÇALVES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – mairamakiyama@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo versar sobre a realização do vídeo “Rio Grande em 5 minutos” (Disponível em: <https://vimeo.com/168794514>), que revela o deslocamento como um processo artístico, que promove vivências em diferentes contextos, bem como fomenta formas de experimentar e observar a cidade de outro modo. O deslocamento é uma maneira potente de processar a criação, assim como torna a cidade lúdica e um contexto de atuação do artista. Revelo isso no vídeo o meu deslocamento na cidade de Ubatuba (SP) como parte do processo artístico e como concedente de subsídios poéticos.

Para desenvolver os aspectos teóricos que envolvem a realização do vídeo destaco o conceito de deslocamento, como prática artística que é evidenciada como obra e como processo, a partir das considerações de Francesco Careri no livro *Walkscapes*, o caminhar como prática estética, em que revela que “é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem” (CARERI 2013, p.27). Para isso, aponto práticas de deslocamento de diferentes grupos como os Dadaístas e os Situacionistas, bem como o artista Brasileiro Paulo Nazareth e o argentino Jorge Macchi. Os deslocamentos físico e mental. Assim como os situacionistas pensavam na cidade lúdica, “a cidade é um jogo a ser utilizado para o próprio aprazimento, um espaço para ser vivido coletivamente e onde experimentar comportamentos alternativos, onde perder o tempo útil para transforma-lo em tempo lúdico-construtivo” (CARERI, 2013, p.98).

2. METODOLOGIA

A partir dos deslocamentos físicos entre a cidade de Pelotas (RS) onde moro atualmente por conta da minha graduação universitária e Ubatuba (SP) cidade onde nasci e onde reencontro minha família nas férias acadêmicas. Ubatuba é uma cidade turística e nesse período costuma estar bem movimentada pelas pessoas que por lá passam por determinado período, curto, o que modifica a visualidade da cidade. A cada retorno para a cidade de Ubatuba, a (re)descubro por causa da minha experiência com a cidade de Pelotas. Por meio destas vivências, entre outras ações, fui incitada a confeccionar um mapa (Figura 1). Uma cartografia em que sobreponho a configuração cartográfica da cidade de Ubatuba sobre o mapa do Rio Grande do Sul. Para isso, pesquisei vários mapas que representam as regiões em *sites* da internet, ao encontra-los os reproduzi sobrepostos, colocando um papel sulfite sobre a tela do computador e em mãos, por meio do desenho, comecei a sobrepô-los, buscando um encaixe de alguns elementos gráficos. Posicionei a representação do mapa de Ubatuba sobre o mapa do Rio Grande do Sul, de maneira que pudesse perpassar em diagonal o mapa gaúcho. Optei por evidenciar o mapa gaúcho e não somente a cidade de Pelotas, pois é o Rio grande do Sul que percorro simbolicamente em Ubatuba. O

mapa posteriormente foi sobreposto no vídeo que realizei em deslocamento, para dar mais ênfase sobre o campo simbólico que me desloco (Figura 2).

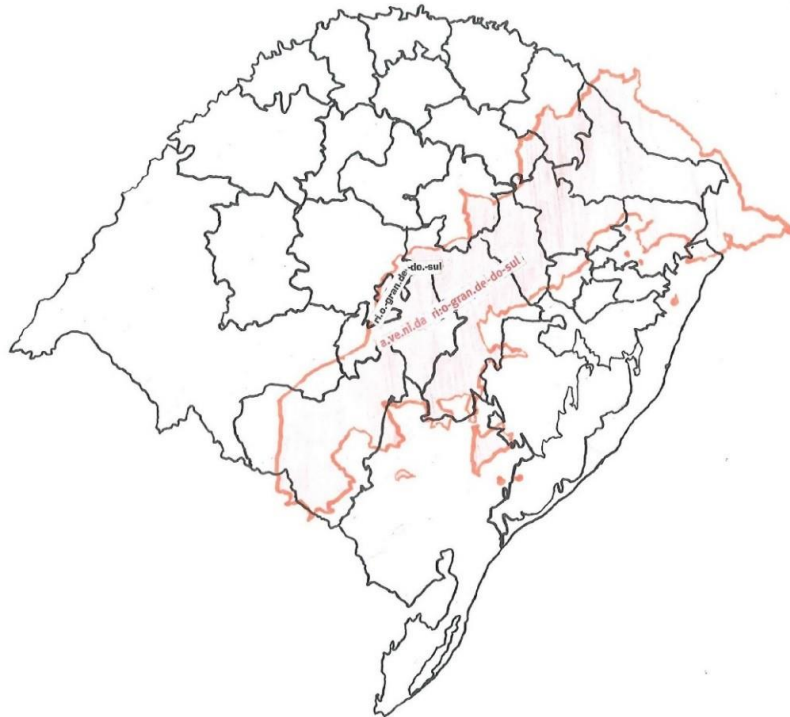


Figura 1. Maíra Makiyama, (2016). Mapa da configuração cartográfica de Ubatuba-SP sobre o estado do Rio Grande Sul. (Pelotas), 2016.



Figura 2. Maíra Makiyama, (2016). Mapa sobreposto no vídeo. (Ubatuba), 2015.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O vídeo “Rio Grande do Sul em 5 minutos” (Disponível em: <https://vimeo.com/168794514>) é resultado de um deslocamento com o intuito poético, filmar meu deslocamento pela avenida Rio Grande em Ubatuba (SP) foi o primeiro momento que antecedeu a edição e a produção de uma cartografia. As questões teóricas apontam que nas primeiras perambulações pela cidade de Pelotas, me descobri deslocada do lugar onde morava, a cidade não me pertencia e eu não pertencia a cidade. Me deparei que para se habitar um lugar que não se conhece precisa deixar marcas, caminhar pelos lugares públicos, respirar a cidade, e deixar os lugares nos marcarem, torna-la lúdica, como propunham os situacionistas, habitá-la e não representá-la como evidenciam os dadaístas. O filósofo alemão Martin Heidegger, explica sobre a noção de habitar em uma conferência pronunciada por ocasião da “ Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen em 1954, “Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a autoestrada, a represa, o mercado são construções e não habitações.[...] Na auto-estrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali sua habitação.[...] Essas construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência. ” (HEIDEGGER,1951).

Havia um desejo de habitar as duas cidades (Ubatuba/Pelotas). Estava vivendo entre esses dois extremos e sempre desejava encontrar uma relação entre as duas cidades. Conforme meu cotidiano se envolvia com a cidade de Pelotas, as pessoas começaram a me contar histórias de como a cidade foi construída, o movimento do comércio e sobre a população em geral. Em uma dessas conversas onde as pessoas me contavam acontecimentos locais, um sapateiro gaúcho me contou a origem do nome da cidade, me relatou sobre como os viajantes atravessavam os rios, construindo uma embarcação improvisada quadrada feita de couros e varas, que era puxado por uma pessoa a nado, e que essa embarcação se chamava pelotas. Assim como, é possível apontar relações com produções dos artistas como a gaúcha Claudia Paim, o artista mineiro Paulo Nazareth, o argentino Jorge Macchi, o belga Francis Alys e o italiano Francesco Careri, que tem como pressuposto o deslocamento como um contexto e um movimento para criação, assim como, um veículo de exploração, material imagético e como arte.

4. CONCLUSÕES

Ao habitar outra cidade e deixar a cidade onde morei até 2013, onde desconhecia o todo, que hoje habito, descobri novas formas de me comunicar, experimentar e viver as duas cidades, permeada pela experiência da arte, pelos modos de perceber o espaço urbano. Ao retornar a Ubatuba me permiti desfrutar de novas experiências, caminhando, andando de bicicleta. Pois antes a cidade era passassem mesmo estando lá, não há percebia como uma cidade lúdica, tão pouco me via usufruindo como um mote para o processo de criação. A partir das caminhadas diárias pela cidade de Pelotas e Ubatuba, que as redescubro criando novos laços que me permitem pensar a cidade, os lugares públicos, as ruas, avenidas, as pessoas e a arte.

Diante do interesse pelo efeito que cada cidade me produzida, atentei a uma avenida de Ubatuba, a avenida nomeada Rio Grande do sul. Avenida essa que antes de morar em Pelotas, não me provocada nenhum tipo de interesse. Foi

então, que me desloquei novamente, com uma câmera filmadora e sobre uma bicicleta, me desloquei de uma outra maneira, com outros olhos, por suas vias, a resignificando, com a intenção de criar um atravessamento simbólico e artístico, “me deslocando pela Av. Rio Grande do Sul em Ubatuba, em 5 minutos”, expressão que dá o título a o vídeo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O Caminhar como prática Estética**. São Paulo: Ed. G. Gili, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Bauen, Wohnen, Denken, publicado em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen**, 1954. Tradução por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Acessado em: 20 de julho de 2016. disponível em: http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf.

JESUS, Marcos Paulo Alves; RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. **Considerações sobre habitar cotidiano no pensamento de Martin Heidegger**. Existência e Arte. Acessado em 21 de julho de 2016. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/mar_kin.pdf.

MACCHI, Jorge. Disponível em: <http://www.jorgemacchi.com/> acessado em: 02 de julho de 2016.

NAZARETH, Paulo. Disponível em: <http://artecontemporanealtda.blogspot.com.br/> acessado em: 05 de julho de 2016.

PAIM, Claudia. Disponível em: <http://claudiapaimperformance.blogspot.com.br/>, acessado em: 10 de julho de 2016.

ALYS, Francis. Disponível em: <http://francisalys.com/>, acessado em 02 de julho de 2016.